



ILAN BRENMAN

As narrativas
preferidas de
um contador
de histórias

Leitor fluente — 4º a 7º anos do Ensino Fundamental

PROJETO DE LEITURA

Coordenação: Maria José Nóbrega

Elaboração: Tom Nóbrega



Árvores e tempo de leitura

MARIA JOSÉ NÓBREGA

*O que é, o que é,
Uma árvore bem frondosa
Doze galhos, simplesmente
Cada galho, trinta frutas
Com vinte e quatro sementes?*¹

Enigmas e adivinhas convidam à decifração: “trouxeste a chave?”.

Encaremos o desafio: trata-se de uma árvore bem frondosa, que tem doze galhos, que têm trinta frutas, que têm vinte e quatro sementes: cada verso introduz uma nova informação que se encaixa na anterior.

Quantos galhos tem a árvore frondosa? Quantas frutas tem cada galho? Quantas sementes tem cada fruta? A resposta a cada uma dessas questões não revela o enigma. Se for familiarizado com charadas, o leitor sabe que nem sempre uma árvore é uma árvore, um galho é um galho, uma fruta é uma fruta, uma semente é uma semente... Traíçoieira, a árvore frondosa agita seus galhos, entorpecenos com o aroma das frutas, intriga-nos com as possibilidades ocultas nas sementes.

O que é, o que é?

Apegar-se apenas às palavras, às vezes, é deixar escapar o sentido que se insinua nas ramagens, mas que não está ali.

Que árvore é essa? Símbolo da vida, ao mesmo tempo que se alonga num percurso vertical rumo ao céu, mergulha suas raízes na terra. Cíclica, despe-se das folhas, abre-se em flores, que escondem frutos, que protegem sementes, que ocultam *coisas futuras*.

“Decifra-me ou te devoro.”

Qual a resposta? Vamos a ela: os anos, que se desdobram em meses, que se aceleram em dias, que escorrem em horas.

Alegórica árvore do tempo...

A adivinha que lemos, como todo e qualquer texto, inscreve-se, necessariamente, em um gênero socialmente construído e tem, portanto, uma relação com a exterioridade que determina as leituras possíveis. O espaço da interpretação é regulado tanto pela organização do próprio texto quanto pela memória interdiscursiva, que é social, histórica e cultural. Em lugar de pensar que a cada texto corresponde uma única leitura, é preferível pensar que há tensão entre uma leitura unívoca e outra dialógica.

Um texto sempre se relaciona com outros produzidos antes ou depois dele: não há como ler fora de uma perspectiva interdiscursiva.

Retornemos à sombra da frondosa árvore — a árvore do tempo — e contemplemos outras árvores:

*Deus fez crescer do solo toda espécie de árvores formosas de ver e boas de comer, e a árvore da vida no meio do jardim, e a árvore do conhecimento do bem e do mal. (...) E Deus deu ao homem este mandamento: “Podes comer de todas as árvores do jardim. Mas da árvore do conhecimento do bem e do mal não comerás, porque no dia em que dela comeres terás de morrer”.*²

Ah, essas árvores e esses frutos, o desejo de conhecer, tão caro ao ser humano... Há o tempo das escrituras e o tempo da

memória, e a leitura está no meio, no intervalo, no diálogo. Prática enraizada na experiência humana com a linguagem, a leitura é uma arte a ser compartilhada.

A compreensão de um texto resulta do resgate de muitos outros discursos por meio da memória. É preciso que os acontecimentos ou os saberes saiam do limbo e interajam com as palavras. Mas a memória não funciona como o disco rígido de um computador em que se salvam arquivos; é um espaço movediço, cheio de conflitos e deslocamentos.

Empregar estratégias de leitura e descobrir quais são as mais adequadas para uma determinada situação constituem um processo que, inicialmente, se produz como atividade externa. Depois, no plano das relações interpessoais e, progressivamente, como

resultado de uma série de experiências, se transforma em um processo interno.

Somente com uma rica convivência com objetos culturais — em ações socioculturalmente determinadas e abertas à multiplicidade dos modos de ler, presentes nas diversas situações comunicativas — é que a leitura se converte em uma experiência significativa para os alunos. Porque ser leitor é inscrever-se em uma comunidade de leitores que discute os textos lidos, troca impressões e apresenta sugestões para novas leituras.

Trilhar novas veredas é o desafio; transformar a escola numa comunidade de leitores é o horizonte que vislumbramos.

Depende de nós.

¹ In *Meu livro de folclore*, Ricardo Azevedo, Editora Ática.

² *A Bíblia de Jerusalém*, Gênesis, capítulo 2, versículos 9 e 10, 16 e 17.

DESCRIÇÃO DO PROJETO DE LEITURA

UM POUCO SOBRE O AUTOR

Procuramos contextualizar o autor e sua obra no panorama da literatura brasileira para jovens e adultos.

RESENHA

Apresentamos uma síntese da obra para que o professor, antecipando a temática, o enredo e seu desenvolvimento, possa avaliar a pertinência da adoção, levando em conta as possibilidades e necessidades de seus alunos.

COMENTÁRIOS SOBRE A OBRA

Apontamos alguns aspectos da obra, considerando as características do gênero a que pertence, analisando a temática, a perspec-

tiva com que é abordada, sua organização estrutural e certos recursos expressivos empregados pelo autor.

Com esses elementos, o professor irá identificar os conteúdos das diferentes áreas do conhecimento que poderão ser abordados, os temas que poderão ser discutidos e os recursos linguísticos que poderão ser explorados para ampliar a competência leitora e escritora dos alunos.

QUADRO-SÍNTESE

O quadro-síntese permite uma visualização rápida de alguns dados a respeito da obra e de seu tratamento didático: a indicação do gênero, das palavras-chave, das áreas e temas transversais envolvidos nas atividades propostas; sugestão de leitor presumido para a obra em questão.

Gênero: Palavras-chave: Áreas envolvidas: Temas transversais: Público-alvo:

PROPOSTAS DE ATIVIDADES

a) antes da leitura

Os sentidos que atribuímos ao que se lê dependem, e muito, de nossas experiências anteriores em relação à temática explorada pelo texto, bem como de nossa familiaridade com a prática leitora. As atividades sugeridas neste item favorecem a ativação dos conhecimentos prévios necessários à compreensão e interpretação do escrito.

- Explicitação dos conhecimentos prévios necessários à compreensão do texto.
- Antecipação de conteúdos tratados no texto a partir da observação de indicadores como título da obra ou dos capítulos, capa, ilustração, informações presentes na quarta capa etc.
- Explicitação dos conteúdos da obra a partir dos indicadores observados.

b) durante a leitura

São apresentados alguns objetivos orientadores para a leitura, focalizando aspectos que auxiliem a construção dos sentidos do texto pelo leitor.

- Leitura global do texto.
- Caracterização da estrutura do texto.
- Identificação das articulações temporais e lógicas responsáveis pela coesão textual.
- Apreciação de recursos expressivos empregados pelo autor.

c) depois da leitura

São propostas atividades para permitir melhor compreensão e interpretação da obra, indicando, quando for o caso, a pesquisa de assuntos relacionados aos conteúdos das diversas áreas curriculares, bem como a reflexão a respeito de temas que permitam a inserção do aluno no debate de questões contemporâneas.

◆ *nas tramas do texto*

- Compreensão global do texto a partir de reprodução oral ou escrita do que foi lido ou de respostas a questões formuladas pelo professor em situação de leitura compartilhada.
- Apreciação dos recursos expressivos empregados na obra.
- Identificação e avaliação dos pontos de vista sustentados pelo autor.
- Discussão de diferentes pontos de vista e opiniões diante de questões polêmicas.
- Produção de outros textos verbais ou ainda de trabalhos que contemplem as diferentes linguagens artísticas: teatro, música, artes plásticas etc.

◆ *nas telas do cinema*

- Indicação de filmes, disponíveis em DVD, que tenham alguma articulação com a obra analisada, tanto em relação à temática como à estrutura composicional.

◆ *nas ondas do som*

- Indicação de obras musicais que tenham alguma relação com a temática ou estrutura da obra analisada.

◆ *nos enredos do real*

- Ampliação do trabalho para a pesquisa de informações complementares numa dimensão interdisciplinar.

DICAS DE LEITURA

Sugestões de outros livros relacionados de alguma maneira ao que está sendo lido, estimulando o desejo de enredar-se nas veredas literárias e ler mais:

- ▶ do mesmo autor;
- ▶ sobre o mesmo assunto e gênero;
- ▶ leitura de desafio.

Indicação de título que se imagina além do grau de autonomia do leitor virtual da obra analisada, com a finalidade de ampliar o horizonte de expectativas do aluno-leitor, encaminhando-o para a literatura adulta.

UM POUCO SOBRE O AUTOR

Ilan Brenman tem um amor profundo pelas mais diversas narrativas. Esse afeto está ligado diretamente à origem do autor, pois ele é israelense, naturalizado brasileiro, filho de argentinos, neto de poloneses e russos. Psicólogo de formação, Ilan é mestre e doutor pela Faculdade de Educação da USP, já ministrou centenas de cursos e palestras pelo país afora, sempre discutindo a importância das histórias lidas e contadas oralmente na vida de bebês, crianças, jovens e adultos. Possui mais de 50 livros publicados (além de vários no exterior), entre os quais *Até as princesas soltam pum* (Brinque-Book, 2008), seu *best-seller*. Muitas das suas obras ganharam selos de Altamente Recomendável da FNLIJ, além de participarem do catálogo da Feira de Bolonha, Itália. Em 2019, tornou-se autor exclusivo da Editora Moderna. Para saber mais sobre o autor, acesse: www.bibliotecailanbrenman.com.br.

RESENHA

Em *As narrativas preferidas de um contador de histórias*, Ilan Brenman compartilha conosco mitos e narrativas tradicionais de diferentes partes do mundo que integram seu repertório de contador de histórias. No decorrer das páginas do livro, nos deparamos com personagens que enfrentam situações complexas, como o angustiado rei protagonista de um conto queniano, que chega ao ponto de pedir para cortar a língua dos mais diversos animais do reino na expectativa de curar sua esposa doente, e afastar a morte que se aproximava.

A morte, e o que acontece depois dela, dá o tom de diversos contos brasileiros em que aqueles que estão (ou parecem estar) mortos continuam a falar: uma caveira fala com um homem e acaba provocando sua morte, e a grama debaixo de uma figueira ecoa o canto de uma menina enterrada viva por uma madrasta cruel.

E quem diria que os cinco dias extras do calendário solar teriam sido criados para que dois deuses apaixonados pudessem se encontrar em segredo? Outras circunstâncias igualmente prosaicas deram origem à estrutura do nosso universo: uma narrativa africana nos conta como duas mulheres faladeiras, imersas em uma longa conversa, terminaram por fazer inadvertidamente uma série de

furos no céu – dando origem a nada mais nada menos do que o nosso céu estrelado.

Os mitos gregos presentes na antologia são protagonizados por mulheres de grande ousadia: a habilidosa Aracne, capaz de tecer ainda melhor do que a deusa Palas Atena, sua mentora; e a jovem caçadora Atalanta, mais veloz do que qualquer homem, que se recusava veementemente a se casar. Vira e mexe, nos deparamos com personagens que por uma razão ou outra acabam se arrependendo de sua arrogância: o imperador Gengis Khan, que mata, num gesto de raiva, a águia de estimação que lhe salvara a vida; um asceta indiano que entra em devaneio sonhando em se tornar um comerciante e acaba perdendo tudo o que tem; e um brasileiro arrogante que tenta se livrar de uma papada e acaba ficando com duas.

O livro termina com uma narrativa contundente em que a mulher de um lenhador, à maneira da rainha Sherazade, passa a inventar uma história por noite para escapar dos golpes gratuitos do seu marido violento.

Na abertura do livro, Ilan Brenman faz uma citação de Clarissa Pinkola Estés, autora do livro *Mulheres que correm com os lobos*, em que a escritora compara as narrativas tradicionais a joias multifacetadas com a dureza de um diamante, que sobreviveram “à agressão e à opressão políticas, à ascensão e à queda de civilizações, aos massacres de gerações e a vastas migrações por terra e mar. Sobreviveram a argumentos, ampliações e fragmentações”. Essa citação nos faz pensar na espantosa resistência e resiliência das narrativas orais e na capacidade que algo aparentemente etéreo como a palavra tem de atravessar transformações, por vezes brutais, pelas quais o mundo passa. Sua força consiste, entre outras coisas, no fato de histórias como essas veicularem ensinamentos que ajudam a pensar sobre a complexidade ética que norteia nossa vida na terra. Não é à toa que, além de nos comover, assombrar ou fazer rir, muitas dessas narrativas nos lembram do quão difícil pode ser fazer escolhas, especialmente quando nos deparamos com forças frente às quais nos sentimos impotentes, como a doença, a morte ou o desejo de seres mais poderosos que nós. Como lidamos com nossas forças e fraquezas? Quando desafiar, quando ser obedientes? Até que ponto somos capazes de ir para conseguir o que queremos? Como nos comportamos diante do perigo?

QUADRO-SÍNTESE

Gênero: mitos e contos tradicionais.

Palavras-chave: astúcia, vaidade, desafio, poder, força, mudanças.

Áreas envolvidas: Língua Portuguesa, História, Ciências.

Competências Gerais da BNCC: 3. Repertório cultural; 8. Autoconhecimento e autocuidado.

Tema contemporâneo tratado de forma transversal: Diversidade cultural.

Público-alvo: Leitor fluente (4º a 7º anos do Ensino Fundamental).

PROPOSTAS DE ATIVIDADES

Antes da leitura

1. Mostre aos alunos a capa do livro – talvez fosse possível descrevê-la como uma composição visual a partir de texturas quase táteis. Pergunte-lhes em que tipo de superfície cada uma dessas texturas os faz pensar. Na superfície de uma folha, nos pelos de um animal, nas nervuras da madeira, no céu estrelado?
2. Levando em conta o título do livro, proponha aos alunos que tentem definir o que entendem por *narrativa*. Em seguida, sugira que consultem a definição da palavra em diferentes dicionários.
3. Que narrativas os alunos mais gostam de contar ou de ouvir? Ressalte que uma narrativa pode ser tanto uma ficção, como histórias em quadrinhos, filmes ou séries de que gostem, por exemplo, quanto episódios de sua própria vida ou da vida de pessoas que conheçam.
4. Chame a atenção da turma para a maneira como as ilustrações que criam os padrões das primeiras páginas do livro evocam três dos órgãos dos sentidos: boca, orelhas e olhos. De que maneira cada um desses órgãos está envolvido no ato de contar e ouvir histórias?
5. Proponha aos alunos que comparem o sumário do livro com o belo mapa das duas páginas seguintes, que permite ao leitor localizar de onde se origina cada uma das histórias. Veja se notam que cada narrativa é sinalizada pela imagem de um olho que serve de marcador.
6. Leia com a turma o texto de apresentação do livro – *Jóias da humanidade*. Chame a atenção

para as duas categorias diferentes de narrativa ali mencionadas, e as características que se atribuem a cada uma delas: os *mitos* e os *contos populares*. Será que os alunos se dão conta de que a expressão *de boca* é usada para se referir ao fato de que os dois gêneros são oriundos da literatura oral, e que, portanto, não têm um autor conhecido e foram passados de geração em geração por contadores anônimos muito antes de ser escritos pela primeira vez?

7. Verifique se os alunos compreenderam que *Jóias da humanidade* faz referência à comparação que a autora Clarissa Pinkola Estés faz dos contos da tradição oral com um *diamante multifacetado*, na citação utilizada pelo autor no texto de apresentação. Em comum com essa pedra preciosa, as histórias podem ser caracterizadas pela sua resistência e brilho: seu encantamento, capaz de sobreviver a inúmeras transformações sociais de caráter quase brutal. Chame a atenção para o modo como Ilan Brenman usa aspas para introduzir a citação no corpo do texto. Será que os alunos sabem que o diamante é o cristal mais duro que existe na natureza? Sugira que pesquisem um pouco mais a respeito de suas características.

8. Proponha que leiam as biografias do autor e do ilustrador, ao final do livro. Estimule-os a visitar o *site* de Ilan Brenman, bem como suas redes sociais.

Durante a leitura

1. Como se trata de um livro de narrativas independentes entre si, ressalte que os contos não precisam necessariamente ser lidos na ordem em que aparecem no livro. Sugira que os alunos consultem o sumário e leiam os contos de acordo com seu interesse, começando por aqueles que lhes despertem maior curiosidade.
2. Chame a atenção da turma para o modo como o título de cada um dos capítulos aparece acompanhado de uma ilustração de página dupla, com seu lugar de origem entre parênteses. Sugira que, a cada capítulo lido, consultem o mapa das páginas 8 e 9 para descobrir o local de origem de cada texto.
3. Além de mencionar o lugar de origem de cada narrativa, o texto entre parênteses abaixo do título apresenta outra informação importante: indica se a história em questão é um *mito* ou um

conto tradicional. Diga aos estudantes que tentem se lembrar da maneira como o autor define cada um desses gêneros na abertura do livro, e procurem identificar que elementos dão pistas de que se trata de um mito ou de um conto popular.

4. As palavras que dão início a cada um dos textos aparecem sempre em destaque, em uma fonte maior que a do restante do corpo do texto. Será que os alunos percebem que essas expressões, quase sempre, contêm informações mais ou menos vagas de tempo e/ou espaço (ex: “Era uma vez uma colina (...)”, “Há cerca de 800 anos (...)”, “Há muito, muito tempo (...)”, “Existia na Índia um asceta (...)”, “no interior do Rio de Janeiro (...)”) que ajudam o leitor a situar a narrativa que vai ler?

5. Veja se os alunos percebem como nas primeiras frases de cada conto, que delineiam o contexto em que transcorrem os eventos narrados, os verbos aparecem quase sempre no pretérito imperfeito; Uma vez que a narrativa propriamente dita começa, quando o narrador relata os acontecimentos responsáveis pelas curvas de ação da história, os verbos aparecem no pretérito perfeito.

DEPOIS DA LEITURA

1. Se os alunos tivessem que agrupar as narrativas do livro seguindo um critério que não fosse o país ou região de onde elas se originam, qual escolheriam (por exemplo: narrativas de humor, narrativas tristes, narrativas protagonizadas por personagens arrogantes, narrativas sobre narrativas)? Sugira que, em grupos, voltem a folhear o livro, lembrando as histórias, ao realizar a tarefa. Em seguida, proponha que apresentem suas classificações uns para os outros. Será que alguns critérios se repetem?

2. Lembre os alunos de que todas as narrativas do livro são oriundas da tradição oral e Ilan Brenman sabia todas elas de memória e costumava contá-las em voz alta. Assista com os alunos a um vídeo do quadro de contação de histórias que costumava ser exibido pelo programa *Rá-tim-bum*, realizado pela TV Cultura nos anos 1990. Nele, a atriz Helen Helene costumava usar diversos objetos cotidianos para evocar a narrativa que contava, disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=xfv4U0V2PCk>> (acesso em: 28 fev.

2020). Em seguida, proponha aos alunos que, sozinhos ou em pequenos grupos, escolham um dos contos para recontar em voz alta para a classe, inspirando-se em Helen Helene, como objetos que ajudem os ouvintes a visualizar a narrativa. Sugira que façam uso de efeitos sonoros, se desejarem.

3. O imperador Gengis Khan, protagonista da narrativa *O imperador e a águia*, é um importante personagem histórico que de fato existiu, liderando um dos maiores impérios da história da humanidade, o Império Mongol, que ia do continente asiático até a Polônia, e tendo sido responsável pela morte de cerca de 30 milhões de pessoas. Assista com os alunos a essa aula bastante didática sobre o assunto, do canal Nerdologia, do Youtube que permitirá aos alunos ter uma noção da impressionante extensão do domínio mongol, disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=kSJHTQ4jgdc>> (acesso em: 28 fev. 2020). Em seguida, escute com a turma a essa divertida versão brasileira da canção Gengis Khan, que o grupo brasileiro *The Fevers*, dos anos 1980, criou a partir da canção em alemão do grupo russo *Dschinghis Khan*, disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=F6eJN6grf2s>> (acesso em: 28 fev. 2020). Veja se os alunos percebem como o contraste entre o tema da letra e o ritmo da música cria um evidente efeito de humor.

4. Os egípcios foram, ao que tudo indica, o primeiro povo a adotar um calendário solar de 365 dias, como já podemos suspeitar ao ler a narrativa mítica do capítulo *O começo de tudo*, que fornece, entre outras coisas, uma explicação para a existência desses 5 dias que fazem com que o ano não tenha um número de dias redondo de 360. Esse conto pode servir de ponto de partida para uma investigação interdisciplinar a respeito da noção de calendário: pode ser interessante falar um pouco a respeito da diferença dos calendários solar e lunar do ponto de vista da astronomia (vale a pena ler essa reportagem da revista *Nova Escola* sobre o assunto, disponível em: <<https://novaescola.org.br/conteudo/1173/era-uma-vez-o-sol-a-terra-e-a-lua>>, acesso em: 28 fev. 2020), mas também fazer uma reflexão histórica a respeito dos primeiros calendários usados na história da humanidade (disponível em: <<http://redeglobo.globo.com/globociencia/noticia/2012/10/conheca-historia-dos-calendarios.html>>, acesso em: 28 fev.

2020) e saber um pouco mais sobre o calendário que utilizamos ainda hoje. Em seguida, divida a turma em grupos e desafie cada um deles a descobrir um pouco a respeito de um calendário diferente: o calendário maia, o calendário chinês, o calendário islâmico, o calendário judaico, o calendário bizantino e o calendário etíope. De que maneira cada um deles marca a contagem do tempo? De que maneira eles se diferenciam do calendário gregoriano?

5. No mito africano *Duas mulheres e o céu*, duas mulheres que conversam acabam por fazer buracos no céu com seu pilão de amassar trigo, dando origem às estrelas. Também as mulheres, mas em especial as crianças, possuem um papel fundamental em um dos mitos indígenas brasileiros que narra a origem das estrelas. Leia com a turma a narrativa mítica recontada por Clarice Lispector, que dá título ao livro *Como nasceram as estrelas*, publicado pela editora Rocco e, em seguida, esta reportagem a respeito de um encontro de astronomia indígena organizado no país, que conta uma outra versão da mesma narrativa, de origem bororó, disponível em: <<https://www.olharconceito.com.br/noticias/exibir.asp?id=104>> (acesso em: 28 fev. 2020).

6. Escute com os alunos a gravação de “A história da figueira”, do disco *Brincadeiras de Roda, estórias e canções de ninar*, coletânea de canções para crianças lançado em 1983, com narração de Elba Ramalho e músicas de Antonio Nóbrega e Solange Maria, disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=NgpFGmsinWc>> (acesso em: 28 fev. 2020).

7. Assista com a turma ao vídeo em que o próprio Ilan Brenman conta a narrativa *A mulher do lenhador e a criação das histórias* e fala sobre o modo como a palavra e a literatura têm o poder de se contrapor à intolerância. A estratégia da protagonista do conto, que usa suas histórias para se contrapor à brutalidade do parceiro,

nos faz lembrar de uma das principais heroínas da literatura persa, a rainha Xerazade, ou Sherazade, que durante mil e uma noites conta uma série de histórias que se embrenham uma dentro da outra, para não ser morta por seu marido, o sultão. Fale um pouco a respeito de Sherazade para os alunos. Se possível, selecione algumas passagens do texto de *As mil e uma noites* para ler com a turma.

8. Assista com a turma ao belíssimo longa-metragem *Príncipes e princesas*, de Michel Ocelot, que, inspirando-se no teatro de sombras, conta a história de personagens de sombra que constroem sofisticados adereços para se transformarem em outras sombras para contar aos jovens espectadores histórias míticas e fábulas de diversas partes do mundo. Disponível em versão dublada no Vimeo, em: <<https://vimeo.com/191992191>> (acesso em: 28 fev. 2020).

DICAS DE LEITURA

► do mesmo autor e série

A amizade eterna e outras vozes da África. São Paulo: Moderna.

Viagem ao redor do mundo em 37 histórias. São Paulo: Moderna.

► do mesmo gênero

As histórias da Preta, de Eloisa Pires Lima. São Paulo: Companhia das Letrinhas.

Contos e lendas afro-brasileiros, de Reginaldo Prandi. São Paulo: Cia. das Letras.

Contos e lendas de cidades e mundos desaparecidos, de Anne Jonas. São Paulo: Cia. das Letras.

Contos e lendas do Antigo Egito, de Brigitte Evano. São Paulo: Cia. das Letras.

Contos e lendas dos heróis da Grécia Antiga, de Christian Granier. São Paulo: Cia. das Letras.

Roda de histórias indígenas, de Poranduba. Rio de Janeiro: NAU, 2009.